

Graus de esquematicidade das construções verbo-nominais com o verbo “deixar” no português brasileiro

Degrees of schematicity of verbal-noun constructions with the verb “deixar” in Brazilian Portuguese

Edson Rosa Francisco de SOUZA (UNESP-SP)
edson@ibilce.unesp.br
José Roberto PREZOTTO JÚNIOR (UNESP-SP)
juniorprezotto96@hotmail.com

SOUZA, Edson Rosa Francisco de; PREZOTTO JÚNIOR, José Roberto. Graus de esquematicidade das construções verbo-nominais com o verbo “deixar” no português brasileiro. *Entrepalavras*, Fortaleza, v. 7, p. 34-56, jan./jun. 2017.

Resumo: O objetivo do artigo é investigar, com base na abordagem construcional de Traugott e Trousdale (2013) e na abordagem cognitivo-funcional de Bybee (2010), as construções verbo-nominais (VNs) com o verbo “deixar” no Português brasileiro, que resultam da associação de um verbo semanticamente leve com um sintagma nominal. A hipótese defendida aqui é a de que as construções VNs com este verbo exibem diferentes graus de esquematicidade, incluindo construções totalmente esquemáticas (abertas, em que os slots podem ser preenchidos por quaisquer elementos, como em: $V_{\text{suporte}} + \text{SN}$) até aquelas as construções fechadas (de natureza substantiva, sem possibilidade de slots para preenchimento, como em: *Deixar a peteca cair*), passando pelas construções semiabertas (de natureza parcialmente esquemática, em que apenas alguns slots podem ser preenchidos lexicalmente, como em: *Deixou uma imagem ruim*). Essas configurações apontam, segundo Vieira (2014), para a existência de três tipos de construções VNs: (i) não-lexicalizadas; (ii) semilexicalizadas; (iii) lexicalizadas. Em vista do exposto, examinaremos as ocorrências dessas construções coletadas no *Corpus do Português* (DAVIS; FERREIRA,

2006), considerando a produtividade, em termos de frequência (BYBEE, 2003; 2010), e sua composicionalidade, para que, assim, possamos verificar a hipótese de que essas construções são decorrentes de dois processos distintos de construcionalização: a construcionalização gramatical e a construcionalização lexical.

Palavras-chave: Abordagem construcional. Construções verbo-nominais. Esquematicidade.

Abstract: The aim of the paper is to investigate, based on the theoretical premises of Traugott and Trousdale's (2013) constructional approach and Bybee's (2010) cognitive-functional approach, the verbal-noun (VN) constructions with the verb "deixar" in Brazilian Portuguese, which result from the association of a verb semantically light with a noun phrase. The hypothesis defended here is that the VN constructions with this verb show different degrees of schematicity, including fully schematic constructions (opened, in which the slots can be filled by any elements, such as: *support verb + NP*) to those that are closed constructions (with a substantive nature, without the possibility of slots to fill, as in: *Deixar a peteca cair*), going through semi-opened constructions (with a partialy schematic nature, in which just a few slots can be fill lexically, as in: *deixou uma imagem ruim*). These configurations indicate, according to Vieira (2014), the existence of three types of VN constructions: (i) non-lexicalized; (ii) semi-lexicalized; (iii) lexicalized. Therefore, we will analyze the occurrences of these constructions collected in the *Corpus do Português* (DAVIES and FERREIRA, 2006), considering productivity, in terms of frequency (BYBEE, 2003; 2010), and the compositionality. Thus, we can verify the hypothesis that these constructions are outputs of two distinct process of constructionalization grammatical and lexical constructionalization.

Keywords: Constructional approach. Verbal-noun constructions. Schematicity.

Introdução

O objetivo do artigo é analisar, com base nos pressupostos teóricos da abordagem construcional de Traugott e Trousdale (2013) e da abordagem cognitivo-funcional de Bybee (2010), as construções verbo-nominais (doravante, VNs) com o verbo "deixar" no Português brasileiro, que resultam da associação de um verbo semanticamente leve com um sintagma nominal, com vistas a mostrar que essas construções exibem diferentes graus de esquematicidade na língua.

Em geral, as construções VNs são quase sempre agrupadas na literatura com o mesmo rótulo, mas, a exemplo do que faz Vieira (2014), entendemos que tais construções possuem graus distintos de esquematicidade e composicionalidade, e muito pouco se sabe sobre a natureza dessas construções (se são gramaticais ou lexicais, dentre outros aspectos), o que justifica, portanto, a proposição deste artigo.

Assim, com o intuito de compreender a configuração dessas construções VNs com o verbo "deixar", defendemos aqui, como uma primeira hipótese, a tese de que essas construções exibem diferentes graus de esquematicidade no Português brasileiro, incluindo desde

construções totalmente esquemáticas (abertas, em que os *slots* podem ser preenchidos por quaisquer elementos, como em: $V_{\text{suporte}} + \text{SN}$), que são as mais gramaticais, até aquelas as construções fechadas (de natureza substantiva, sem possibilidade de *slots* para preenchimento, como em: *Deixar a peteca cair, deixa a poeira baixar*), consideradas como as mais lexicais, passando pelas construções semiabertas (de natureza parcialmente esquemática, em que apenas alguns *slots* podem ser preenchidos, como em: *Deixou uma imagem ruim; Deixou uma impressão ruim*), que se encontram no intermédio desses dois tipos de construção.

De acordo com Vieira (2014), que realizou um estudo com outras construções VNs no Português, formadas com os verbos como “dar”, “fazer”, “ter”, entre outros, a ocorrência de padrões construcionais como os que se verificam com o verbo “deixar” apontaria para a existência de três tipos distintos de construções VNs: (i) não-lexicalizadas; (ii) semilexicalizadas; (iii) lexicalizadas ou idiomáticas, que estão, a nosso ver, relacionados a três diferentes graus de esquematicidade. Ao que tudo indica, as construções VNs com o verbo “deixar” podem ser também analisadas seguindo a proposta de classificação de Vieira (2014).

Para cumprir os objetivos listados, o artigo encontra-se organizado da seguinte forma: inicialmente, apresentamos uma breve introdução com a proposta do trabalho; na sequência, trazemos uma rápida discussão sobre a abordagem construcional e a abordagem cognitivo-funcional; na terceira parte, apresentamos a metodologia utilizada na investigação das construções VNs com o verbo “deixar”; em seguida, trazemos a análise dos casos de construções VNs, coletados no *Corpus* do Português (DAVIS; FERREIRA, 2006). Por fim, apresentamos as considerações finais.

A abordagem construcional: premissas teóricas

Sustentados pela abordagem construcionista (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013), concebemos a língua como composta por um pareamento de forma-significado, ou ainda, de construções organizadas em uma rede. A mudança linguística nestas construções, na sua essência, é entendida como unidades simbólicas convencionais.

As construções são convencionais porque são compartilhadas por um determinado grupo de falantes em uma comunidade linguística; são simbólicas, pois são signos arbitrários, associados a um pareamento de forma-significado; e são unidades indissocráticas (GOLDBERG, 1995)

ou tão frequentes (GOLDBERG, 2006), que o signo está arraigado (no pareamento forma-significado) na mente dos usuários da língua.

Neste artigo, adotamos a perspectiva teórica centrada no uso, que concebe o sistema e a estrutura linguística não como componentes autônomos (e inatos), mas derivados de processos cognitivos gerais, que, por sua vez, podem ser definidos como ações comunicativas e interativas realizadas pelos usuários da língua nas mais diversas situações de interação, produção e percepção *on-line*. Trata-se, pois, de uma perspectiva teórica que contempla tanto a abordagem construcional de Traugott e Trousdale quanto a abordagem cognitivo-funcional de Bybee (2010), pois ambas definem a linguagem em termos cognitivos.

No que se refere à abordagem construcional, Traugott e Trousdale (2013) elencam dois tipos de mudança linguística: a mudança construcional e a construcionalização. A primeira delas se refere a um tipo de mudança que pode afetar a forma ou sentido de maneira independente e gradual, sem resultar na criação de uma nova construção na língua (ou um novo nó na rede de construções). Trata-se, nesse caso, de um tipo de mudança que pode ocorrer em várias etapas, o que englobaria, ainda na versão mais clássica dos estudos de mudança linguística, os casos de gramaticalização, que envolvem algum tipo de mudança na forma ou de classe gramatical, além das mudanças de ordem semântica e pragmática. Já o segundo tipo de mudança, a construcionalização, envolve sempre um novo pareamento de forma e sentido, isto é, tal mudança resulta sempre na criação de uma nova construção na língua, de modo que as mudanças afetam necessariamente a forma e o sentido concomitantemente.

Em suma, pode-se dizer que a construcionalização, segundo Traugott e Trousdale, envolve o processo de neanálise da forma morfossintática e do significado semântico-pragmático, acompanhada por (várias) mudanças, que se processam via gramaticalização, e afetam a esquematicidade, produtividade e composicionalidade das expressões. Estas noções são amplamente discutidas por Traugott e Trousdale (2013) nos domínios da construcionalização gramatical e lexical.

Antes de darmos continuidade à explanação de aspectos teóricos importantes para o trabalho, é importante definir o termo *construção*.

Sobre o conceito de construção, Goldberg (1995) diz que:

“C é uma construção se e somente se C é um pareamento forma/significado <Fi, Si>, de modo que algum aspecto de Fi, ou algum aspecto de Si, não é estritamente predizível a partir

de partes componentes de C ou a partir de outras construções previamente estabelecidas” (GOLDBERG, 1995, p. 4).

Posteriormente, Traugott (2008) define, com base em Goldberg (1995) e Goldberg e Jackendoff (2004), construção como um *chunk* de natureza autônoma e rotinizado na língua, que, por ser altamente frequente, é acessado pelo falante com mais facilidade. Trata-se de uma definição que está ancorada em Croft (2007), que, por sua vez, concebe a construção como um pareamento simbólico de forma e significado, ou seja, como uma unidade rotinizada na comunidade linguística.

Baseando-se também em Goldberg (1995), Croft (2001) e Traugott (2003), Bybee (2010) oferece uma definição de construção que recupera a ideia de rotinização e convencionalização (autonomia):

as construções são *chunks* sequenciais da língua, que são frequentemente usados juntos, algumas vezes apresentam significados especiais ou outras propriedades. Sua convencionalização ocorre através da repetição (HAIMAN, 1994). As construções são tipicamente esquemáticas; elas vêm com algumas partes fixas e alguns *slots* que podem ser preenchidos com uma categoria de itens definidos semanticamente. (BYBEE, 2010 p. 36).¹

Mais tarde, e também considerando os pressupostos teóricos de Goldberg, Croft, Traugott e Bybee, acerca da noção de construção como um pareamento de forma-significado e da natureza esquemática dos vários tipos construcionais em uma língua, Traugott e Trousdale (2013) propõem critérios de classificação para as construções, em especial no que diz respeito ao tamanho, à natureza fonológica e ao conceito, tal como se observa no quadro 1, a seguir, em que listamos tais aspectos:

Quadro 1- As dimensões das construções (Adaptado de Traugott e Trousdale, 2013, p. 12-13)

DIMENSÃO DO TAMANHO	ATÔMICA: Construções monomorfêmicas
	INTERMEDIÁRIA; Construções parcialmente analisáveis
	COMPLÉXA: Unidades formadas de <i>chunks</i> analisáveis

¹ Tradução livre do original: [...] constructions are sequential chunks of language that are conventionally used together and that sometimes have special meanings or other properties. Their conventionalization comes about through repetition (HAIMAN 1994). Constructions are typically partially schematic; they come with some fixed parts and some slots that can be filled with a category of semantically defined items. (BYBEE, 2010, p. 36).

DIMENSÃO DA ESPECIFICIDADE FONOLÓGICA	SUBSTANCIAL ou SUBSTANTIVA: Fonologicamente e completamente especificada
	INTERMEDIÁRIA Entre especificação e abstração
	ESQUEMÁTICA: Completa abstração
DIMENSÃO DO TIPO DE CONCEITO	PLENA DE CONTEÚDO: Lexical
	PLENA DE PROCESSAMENTO: Gramatical

No que se refere à composição do *continuum* das construções VNs aqui analisadas, Bybee (2010) aponta que a observação dos *chunkings* é importante, pois eles transformam as dimensões internas das expressões gramaticalizadas² em menos transparentes para análise e mais independentes de outras instâncias das mesmas unidades. Por essa razão, este aspecto é de grande relevância para se investigarem os diferentes graus de esquematicidade das construções VNs, uma vez que ele permite averiguar e identificar desde aquelas construções que ainda são composicionais, segundo Traugott e Trousdale, e, portanto, menos esquemáticas, até aquelas que apresentam um grau maior de esquematicidade, e, são, portanto, mais abertas, possibilitando que os *slots* das construções possam ser preenchidos por outros itens.

De acordo com Bybee (2010), o aumento da frequência *token*, via repetição, pode desempenhar o início do processo de gramaticalização (ou mudança construcional). Em outras palavras, a força das relações sequenciais é determinada pela frequência com que as duas ou mais palavras aparecem juntas, no sentido de que tais arranjos ou agrupamentos, quando utilizados com frequência, podem afetar as suas propriedades fonéticas, morfossintáticas e semânticas, passando, pois, a ser reconhecidas como estruturas autônomas e não composicionais.

Durante esta repetição, há um processo mais geral, denominado por Bybee (2010) de idiomatização, o qual também está na base da gramaticalização e na formação de unidades pré-fabricadas.

Nesse contexto, divergindo em partes da autora, entendemos

² Há duas tradições nos estudos de gramaticalização: a primeira, na qual Bybee (2010) se encaixa, compreende a gramaticalização como redução (GR), que envolve o aumento de dependência e a redução de vários aspectos da construção original, o foco recai sobre mudanças morfológicas. Já a segunda tradição entende a gramaticalização como expansão (GE), incluindo a expansão do alcance semântico/pragmático, sintático e colocacional (HIMMELMANN, 2004). Neste artigo, seguimos a proposta de Traugott e Trousdale (2013), que concebe a gramaticalização como expansão e redução, responsáveis, segundo os autores, por desencadear a construcionalização. Assim, essas duas tradições não são ortogonais, mas interligadas durante a mudança.

a gramaticalização como uma etapa ou um passo de mudança para a construcionalização gramatical, uma vez que a compreendemos não só como redução, mas também como expansão, considerando tanto as perdas quanto ganhos adquiridos pelas construções no processo de mudança (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013). Assim, a nossa proposta de análise só se aproxima dos postulados da autora quando esta mostra que as construções são graduais, produtivas em certos contextos de uso e os graus de esquematicidade ocorrem em um *continuum*.

Outras noções de Traugott e Trousdale (2013), que são relevantes para este estudo, são as noções de esquematicidade, produtividade e composicionalidade. Para os autores, a esquematicidade, minimamente, refere-se ao aumento de polissemia e aos graus de esquematicidade (abstratização de uma construção); a produtividade envolve a frequência *type* e *token* de uma construção na situação de interação, ou seja, avalia-se a capacidade de uma construção (mais esquemática/abstrata, tais como V1+V2) atrair construções menos esquemáticas na língua (que possam ser reconhecidas como parte de um padrão construcional já existente na língua). Já a composicionalidade se refere à extensão do significado de uma dada construção, no sentido de verificar se o significado de tal expressão é resultado do todo da construção (quando o significado é autônomo) ou é composicional (quando o significado é derivado da soma das partes que compõem a expressão).

Embora os conceitos de produtividade e composicionalidade sejam relevantes para a análise das construções VNs, o nosso estudo foca mais os graus de esquematicidade dessas construções, tendo como propósito mostrar, com base em Vieira (2014), que as construções VNs podem ser categorizadas em três tipos distintos de construções: (i) não-lexicalizadas; (ii) semilexicalizadas; (iii) lexicalizadas ou idiomáticas.

Com relação ao *continuum* dos graus de esquematicidade, podemos dizer que as não-lexicalizadas são mais esquemáticas e produtivas, inseridas no polo mais procedural da língua. As semilexicalizadas são construções mais ou menos esquemáticas e produtivas, são mais procedurais, já as lexicalizadas são menos esquemáticas por apresentar uma função referencial e se situar no polo de conteúdo da língua.

Dessa forma, apoiando-nos na classificação de Vieira (2014), buscamos averiguar a natureza das construções VNs no Português brasileiro, com o objetivo de mostrar que essas construções são produtos de dois processos distintos de mudança, a construcionalização gramatical e a construcionalização lexical, sendo ambos impulsionados,

respectivamente, pela gramaticalização e pela lexicalização³.

As construções VNs resultantes da construcionalização gramatical decorrem de algumas etapas de gramaticalização que afetam a esquematicidade, a composicionalidade e a produtividade dessas construções com o verbo “deixar”, que, no decorrer do processo de mudança construcional, tem seu valor de conteúdo pleno esvaziado, como verbo predicador, fundindo-se a um SN ou a um SPrep, formando, assim, novas construções. Dentre as construções que emergem na língua, estão desde construções idiomáticas, como “deixar a peteca a cair”, até aquelas que são mais esquemáticas, como “deixar uma impressão”.

Apesar de apresentarem, aparentemente, um mesmo padrão construcional, tais construções verbo-nominais evidenciam diferentes graus de esquematicidade, uma vez que respondem, de maneiras distintas, conforme veremos na análise, aos testes de verificação do grau de rigidez e composicionalidade dessas construções, o que nos leva a pensar, portanto, que há construções VNs gramaticais e outras mais lexicalizadas. Em outros termos, a emergência dessas construções VNs implica, segundo Traugott e Trousdale, em um novo pareamento de forma-significado. Quando a construção emergente é de natureza puramente gramatical ou processual, como a de um predicador que ainda seleciona argumentos, pode-se dizer que ela é, conforme Vieira (2014), não-lexicalizada, ao passo que as construções lexicalizadas tendem a ser referenciais, isto é, elas se comportam como uma unidade lexical.

Baseando-se em Goldberg (1995), a qual diz que não é possível distinguir forma de significado, de maneira que os aspectos de uma expressão complexa auxiliam na interpretação da mesma, Chishman e Abreu (2014) definem, então, as construções com verbo-suporte como:

[...] uma combinação especial de um verbo leve semanticamente (que não tem carga relevante de significado) com um sintagma nominal na posição de objeto, de forma que essa combinação dá margem a um novo significado que não está diretamente relacionado com os significados de seus constituintes. [...] os verbos-suporte são assim chamados porque dão suporte ao substantivo predicado na construção do significado de construções do tipo *verbo + sintagma nominal*. (CHISHMAN; ABREU, 2014, p. 155-156, grifos no original).

³ Como nos estudos de gramaticalização, nos de lexicalização encontramos, também, duas tradições: lexicalização como redução (LR) e lexicalização como expansão (LE); ambas se referem a mudanças construcionais, as quais podem ou não desencadear a construcionalização lexical. Neste artigo, seguimos a proposta de Traugott e Trousdale (2013), compreendendo a lexicalização como uma união das duas tradições, importantes para acarretar à construcionalização.

Assim sendo, as construções verbo-nominais (ou verbos-suporte) com “deixar” são altamente produtivos na língua, formam uma construção com um significado autônomo, encabeçando um significado final de construção predicativa, podendo, ou não, apresentar um correspondente pleno em termos de significado, como: a construção VN *deixar claro* possui o seu correspondente pleno *esclarecer*.

Diferentemente do que propõe Vieira (2014), acreditamos que as construções não-lexicalizadas e semilexicalizadas constituem casos de construcionalização gramatical, pois envolvem funções processuais, enquanto as construções lexicalizadas ou idiomáticas constituem casos de construcionalização lexical, pois envolvem a atribuição de um novo significado lexical a uma expressão linguística, que são estocadas diretamente no complexo lexical dos usuários da língua (a memória rica).

Acerca da lexicalização, Viera (2014) afirma que:

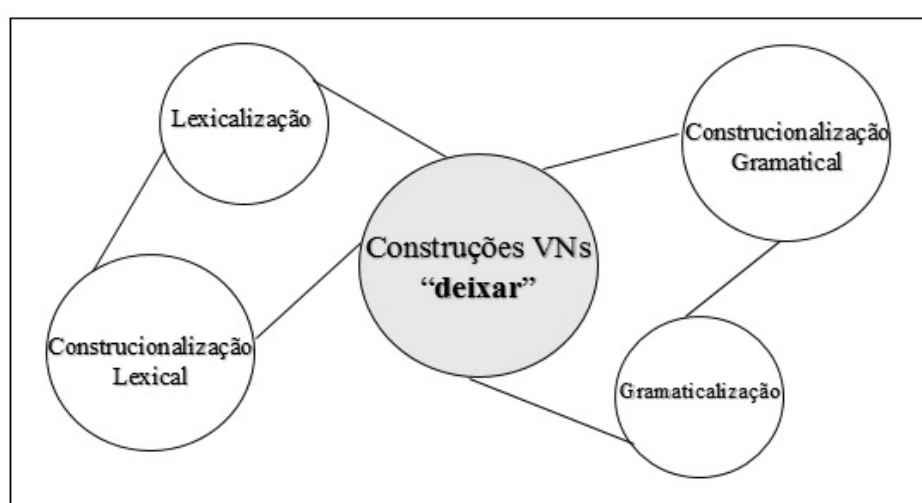
Uma construção mais lexicalizada constitui uma expressão criada, a partir de necessidade discursivo-pragmática, por dois ou mais vocábulos que juntos implicam algum grau de congelamento semântico, gerando um sentido global (idiossincrático ou não). Devido à frequência de ocorrência, cristaliza-se formal e semanticamente. O grau de congelamento semântico e a cristalização da expressão colaboram para que se torne uma nova unidade lexical empregada relativamente com a mesma configuração e sem caráter preditivo em relação à formação de novas expressões, ou seja, para que passe pelo processo de lexicalização e, então, se torne um pareamento forma_{nova}-sentido_{novo} no polo das unidades lexicais ou uma construção lexical. Afinal, uma expressão mais lexicalizada é a que revela idiomaticidade lexical, morfossintática, semântico-pragmática e de frequência. (VIEIRA, 2014, p. 110)

Segundo Vieira (2014), as construções que apresentam um determinado grau de congelamento semântico, em decorrência de algum processo de lexicalização, são classificadas como cristalizadas, podendo, com o passar do tempo, adquirir o estatuto de uma nova construção lexical, ou seja, ser definida como um novo pareamento forma e significado. Assim, podemos entender que a lexicalização seria o *start* inicial do processo de mudança construcional das construções VNs que culminaria em novas construções lexicais na língua, como “deixa a poeira baixar”, as quais poderíamos denominar “casos de construcionalização lexical”, ao passo que as construções VNs mais esquemáticas, tais como “deixar de asneira”, “deixar claro” e “deixar uma impressão”, teriam como *start* inicial mudanças de ordem categorial e semântica, via gramaticalização, até emergirem na língua como novos pareamentos (construções), isto é,

como casos de construcionalização gramatical.

A figura abaixo sintetiza o caminho de mudança das construções VNs com o verbo “deixar”, conforme discutido até aqui. Cabe ressaltar que, na abordagem construcional, que concebe a língua como uma rede de construções, o princípio da unidirecionalidade não constitui uma condição necessária de mudança, pois, segundo Traugott e Trousdale, nem sempre é possível identificar e ter certeza de que um dado uso “y” é mais gramatical que outro uso “x”. O mais importante são as (inter) relações que se podem estabelecer entre os nós da língua.

Figura 1 - Desdobramentos da mudança das construções VNs com o verbo “deixar”.



Tendo em vista os aspectos teóricos discutidos nesta seção, apresentamos, na sequência, o *corpus* e a metodologia adotada na análise das construções VNs com o verbo “deixar” no Português brasileiro.

Corpus de pesquisa e metodologia

A pesquisa aqui implementada é de natureza quantitativa e qualitativa. A análise acerca das construções VNs se baseia no levantamento de quatrocentas e vinte seis ocorrências coletadas no *Corpus* do Português (DAVIES; FERREIRA, 2006), apenas na variedade do Português brasileiro, nos mais diferentes gêneros textuais (acadêmico, notícia, ficção etc.). Foram analisadas apenas ocorrências do século XX.

As 426 ocorrências de VNs foram analisadas com base em 7 parâmetros de análise: a) anteposição do elemento não-verbal; b) possibilidade de a construção VN ser flexionada; c) possibilidade de a construção VN ser derivada; d) combinação da construção VN com modificadores (advérbios intensificadores, adjetivos, etc.); e) Tipo de

sentido veiculado pela construção VN; f) possibilidade de substituição da construção VN por um verbo simples; e g) possibilidade de substituição do componente verbal ou do nominal por algum outro elemento.

O nosso objetivo, com esses parâmetros, é identificar os tipos construcionais, e, dessa forma, separar as construções VNs não-lexicalizadas daquelas que são semilexicalizadas e lexicalizadas. Em outros termos, após a identificação dos tipos de construções VNs, buscamos definir os graus de esquematicidade e classificá-las, seguindo Vieira (2014), e propor um *continuum* das construções VNs, instanciadas pelo “deixar”, no Português brasileiro. Assim, para garantir que todos os parâmetros de análise fossem igualmente aplicados a todas as ocorrências da mesma forma, utilizamos, como ferramenta estatística e holística, o programa sociolinguístico *GoldVarbX*, que permite apurar os números absolutos e percentuais de todos os grupos de fatores analisados.

Os resultados atinentes aos três tipos de construções VNs com o verbo “deixar” no Português brasileiro são apresentados a seguir, em que exemplificamos os graus de esquematicidade dessas construções

Análise das construções verbo-nominais com “deixar”

A análise que apresentamos nesta seção alia os conceitos teóricos de Traugott e Trousdale (2013) e Bybee (2010) aos parâmetros de análise, listados anteriormente, tendo como objetivo mostrar que as construções VNs no Português brasileiro, apesar de terem aparentemente um mesmo padrão, possuem graus distintos de esquematicidade.

Anteposição do elemento não-verbal

Visando conhecer a esquematicidade das construções VNs com “deixar”, em termos de fixidez no modo de ordenação dessas construções, verificamos que nenhuma das quatrocentas e vinte seis ocorrências coletadas permite alocar o elemento não-verbal, isto é, o SN/Sprep em outra posição na construção, por exemplo, antes do verbo.

A impossibilidade de anteposição do elemento não-verbal se mantém em 100% dos dados (426 ocorrências), o que revela um alto teor de fixidez do SN/Sprep com relação ao verbo da oração. Nesse caso, o elemento nominal nunca pode ser anteposto ao verbo, uma vez que isso provocará uma quebra na configuração e no sentido vinculado por essas construções, podendo, muitas delas, tornarem-se agramaticais.

Vejam os:

- (1) Existem amores que queimam, destroem, **deixam marca** semelhante a doença terrível que tivesse cicatrizado (19:Fic:Br:Cardoso:Dias)
- (2) Para não **deixar pistas**, ele tinha de guardar na memória informações precisas como chapas de carro. (19N:Br:SP)

Em (1) e (2), não é possível inverter os elementos nominais das construções VNs, pois isso afetaria a sua gramaticalidade: *pistas deixar** ou *marca deixam**. Nesses dois casos, a inversão afetaria o sentido e a sintaxe das construções, tornando-as agramaticais. Isso acontece, segundo Bybee, porque o *chunk* se desintegra e passa a configurar outro tipo de construção, nem sempre esperado na língua, desestabilizando, assim, o grau de fixidez na rede linguística do Português.

Possibilidade de a construção VN ser flexionada

Outra maneira de identificar a formação de um *chunk* (agrupamento) é verificar a possibilidade de as construções VN serem flexionadas, uma vez que a construção que já se encontra relativamente cristalizada na língua e é reconhecida pelo falante como uma construção autônoma, com um sentido específico, tende, em geral, a restringir flexões. Em 79% (336/426) das ocorrências analisadas, as construções VNs com o verbo “deixar” não permitem flexão de número e pessoa.

O fato de essas construções VNs não permitirem, em sua maioria, flexão da forma verbal mostra, mais uma vez, que essas construções constituem um *chunk* específico. Segundo Bybee (2010), essas construções poderiam ser definidas como unidades pré-fabricadas, que estariam na posição intermediária do *continuum*. Os casos mais comuns encontrados no *corpus*, que permitem algum tipo de flexão, são as construções que aparecem flexionadas em número e tempo, como em:

- (3) a. [...] o dinheiro continua sendo um dos mitos que cercam a prática analítica. Aqui, porém, ela não **deixa dúvidas** quanto a sua origem laica: A psicanálise é uma prática mercenária. (19N:Br:Folha)
- b. [...] o mais poderoso dos discursos, o da religião cristã, estampa as cenas aparentemente acidentais e não **deixa**

dúvida quanto à sua inserção como diretriz do romance, trazendo à tona as marcas da civilização que se impunha de forma definitiva. (19Ac:Br:Lac:Misc)

c. Segundo Inocêncio, na terça-feira serão feitos os acertos finais para formalizar a mudança na base parlamentar do Congresso. Ele **deixou dúvidas**, porém, quanto à forma escolhida por Magalhaes e por FHC na nova coordenação política (19N:Br:SC)

(4) a. e se alguma outra idéia despontou, foi ela tão pálida e efêmera que não **deixou vestígios**. VII Eis-me de repente lançado no turbilhão do mundo. (18:Br:Alencar:Romancista)

b. O livro fica, o jornal passa e raramente **deixa vestígio**. (18:Br:Coelho:Conquista)

Em (3a-c), as construções VNs em negrito mostram que tanto o elemento nominal quanto o elemento verbal podem ser flexionados, o que aponta para um grau menor de autonomia ou convencionalização na língua. Em (3a-b), a construção VN [deixa dúvida] aparece flexionada no singular e no plural, enquanto em (3c) a construção apresenta marcas de flexão verbal (pretérito perfeito do modo indicativo) e número (plural). O mesmo comportamento se verifica em (4a-b), em que as construções VNs em negrito apresentam marcas de flexão verbal (*deixou*) e número. Os percentuais listados anteriormente mostram que as construções VNs que apresentam algum tipo de flexão (de tempo ou número), que somam 21% (90/426) dos dados, tendem a ser elencadas como as que apresentam um maior grau de esquematicidade, uma vez que elas permitem a substituição do núcleo nominal por outras formas nominais, flexionadas ou não flexionadas, ao passo que aquelas que não permitem nenhum tipo de flexão (79% dos dados) tendem a apresentar um grau menor de esquematicidade ou então ser definida como substantiva (fechada).

Possibilidade de a construção VN ser derivada

A possibilidade de a construção VN ser derivada é o quarto grupo de parâmetros analisado. Em nossa análise, não encontramos nenhuma construção VN na forma diminutiva ou aumentativa, entretanto, há algumas construções VNs no Português brasileiro que estão propensas

à derivação, tais como “*deixar uma impressão*”, “*deixar uma imagem*”, “*deixar uma marca*”, dentre outras, que permitem o uso do SN no diminutivo [-inho/-inha]. Vejamos os dados da tabela abaixo:

Tabela 1- Possibilidade de derivação da construção VN
N

	PODE SER DERIVADA	NÃO PODE SER DERIVADA
	68	358
Total (%)	15%	85%

N

Nos casos listados acima, em geral, as construções VNs tendem a aceitar derivações de grau diminutivo⁴, como “*deixar uma impressãozinha ruim*”, “*deixou uma imagenzinha negativa*”, “*deixei uma marcazinha*”. Trata-se, nesses contextos, de uma estratégia disponível ao falante para expressar, de alguma forma, a sua avaliação quanto ao que enuncia.

Lembramos aqui do princípio de (inter)subjetivação de Traugott e Dasher (2005), o qual se refere ao processo semântico-pragmático utilizado pelo falante para tornar os significados de seus enunciados cada mais subjetivos, quando expressam alguma avaliação acerca de algo, ou ainda intersubjetivos, quando a mudança resulta no modo como as frases são enunciadas, acarretando no desenvolvimento de significados que demonstram a preocupação do falante quanto à imagem do interlocutor.

Vejamos as ocorrências a seguir:

- (5) Quem já foi prefeito e **deixou uma imagem**, independente do partido, tem mais chance. (19Or:Br:Intrv:Cid)
- (6) Mais comprido que a universal história, este Leconte com seu ar caipira, me **deixa uma impressão** nada ilusória. (18:Menezes.Mor)

As construções VNs “*deixou uma imagem*” e “*deixa uma impressão*”, em (5) e (6), podem, em princípio, ser derivadas de alguma forma, como em [*deixou uma imagenzinha*] ou [*deixa uma impressãozinha*]. Esse

⁴ Entendemos o uso do diminutivo e do aumentativo como casos de derivação, quando estes alteram o estatuto semântico da construção com leitura afetiva ou pejorativa.

tipo de informação corrobora a ideia de que as construções VNs, que são mais ou menos esquemáticas, com *slots* a serem preenchidos, também são aquelas que possibilitam alguma operação de derivação ou flexão. As construções idiomáticas ou fechadas, como “*deixar a poeira baixar*”, dificilmente aceitam derivações diminutivas [*?deixar a poeirinha baixar*].

Combinação da construção VN com modificadores

Este parâmetro de análise pretende verificar o grau de estabilidade da construção, isto é, verificar se a construção permite ou não a inserção de algum modificador entre o elemento verbo e o SN. Considerando os pressupostos teóricos de Bybee e Traugott e Trousdale, o esperado é que as construções mais estabilizadas ou cristalizadas, de natureza idiomática, dificilmente apresentem algum tipo de material interveniente entre o verbo e o SN, o que atestaria a sua classificação como uma construção fechada e, portanto, menos esquemática, segundo Traugott e Trousdale. Em contrapartida, aquelas construções que ainda possibilitam a inserção de algum modificador entre os limites da estrutura verbo-nominal encontram-se alocadas entre as construções não-lexicalizadas e as semilexicalizadas, pelo fato de não serem tão rígidas em termos morfossintáticos e ainda permitirem algum tipo de flexibilidade interna.

A tabela a seguir traz os resultados desse parâmetro:

Tabela 2- Possibilidade de combinação da construção VN com modificadores

	POSSÍVEL	IMPOSSÍVEL
	348	78
Total (%)	81.7%	18.3%

Veamos as ocorrências de (7) a (9):

- (7) a. Suas idéias sobre governo e instituições sociais **deixaram uma impressão** marcante em o Japão em constante mudanças durante o período Meiji. (20:Br:cleitondias7.blogspot.com)
- b. Foram três lutas até agora. A primeira **deixou uma boa impressão**, quando ele teve grande atuação diante de Brock Lesnar e nocauteou o ex-campeão. (20:Br:blog.portalmma)

- (8) a. Na Lei 8080 [...], o Capítulo IV – da Competência e das Atribuições – **deixa claro**, tanto no Art. 15 como no Art. 17, as atribuições do governo estadual [...] e suas competências específicas. (19Ac:Br:Lac)
- b. A presidenciável Marina Silva, que era cobrada por não aderir às manifestações, ontem, **deixou muito clara sua posição**: “Ninguém deveria estar surpreso, sabíamos que iria ocorrer. A internet ajuda a mudar tudo, a cultura, os negócios, as comunicações.” (20:Br:jcom)
- (9) a. Dá sempre para conseguir apoio de todo tipo com os colegas e com nós, a equipe de o Portal Exame de Ordem. O importante é não **deixar a peteca cair**. (20:Br:blog.portalexamedeordem)
- b. *[...] **deixar a petecona cair**
- c. *[...] **deixar a grande peteca cair**

As ocorrências em (7b) e (8b) mostram que as construções VNs com o verbo “deixar” podem ser modificadas, respectivamente, por um adjetivo [*boa*] e um intensificador [*muito*], além de permitirem, como em (8b), flexão de gênero [*claro/clara*], o que comprova que as construções com essa configuração são relativamente esquemáticas ou abertas, uma vez que permitem o preenchimento de alguns *slots* da construção por outros elementos nominais ou até mesmo a inserção de algum modificador no composto formado pelo verbo e o SN. A existência de ocorrências como (7a) e (8a) comprova que as construções VNs apresentam uma composição estrutural mais maleável. É diferente do que ocorre com construções mais idiomáticas (ou substantivas), como visto em (9), em que “*deixar a peteca cair*” não permite, em tese, a inserção de novos elementos (modificadores) no interior da construção VN. As paráfrases em (9b) e (9c) referendam, de certa forma, essa restrição, tendo em vista que a construção em questão não aceita o grau aumentativo, muito menos permite a inserção de qualificadores.

Tipo de sentido veiculado pela construção VN

Com este parâmetro, buscamos analisar os sentidos das construções VNs, fundamentados na noção de composicionalidade. Nesse contexto, quanto mais uma construção se torna esquemática na

língua (abstrata, genérica e aberta em termos de preenchimento), mais produtiva em termos de frequência de uso e mais composicional ela se torna, ou seja, mais transparência semântica ela apresenta, em termos de sentido, uma vez que, nesses casos, a construção ainda apresenta, nos termos de Bybee (2010), um grau elevado de previsibilidade semântica (analisabilidade) das suas subpartes que compõem tal construção. Por outro lado, quanto mais uma construção se torna substantiva (fechada, em termos de preenchimento), menos produtiva e mais específica, em termos semânticos, ela se torna, ou seja, mais opaca semanticamente ela se torna. Assim, ainda que não tenhamos, segundo Taylor (2002, p. 166), casos de “composicionalidade estrita”, é possível, guardadas as devidas proporções, estabelecer uma correlação entre os tipos de construções VNs, em termos de esquematicidade e o grau de composicionalidade que elas apresentam: as construções substantivas (ou fechadas) são menos composicionais semanticamente (com um sentido mais figurado), pois possuem uma natureza lexical, ao passo que as construções mais esquemáticas, de natureza mais gramatical, são mais composicionais do ponto de vista semântico, isto é, o sentido é mais previsível.

Como se vê na tabela 3, as construções VNs com o verbo “deixar” apresentam, em sua maioria, um sentido menos composicional, ou opaco em termos semânticos, fato que poderia explicar uma incidência maior de construções semilexicalizadas no *corpus* de análise. A previsibilidade ou transparência semântica tende a aparecer em construções VNs mais esquemáticas ou abertas, como “deixar uma impressão”, que ainda apresentam uma função notadamente de predicador verbal. Vejamos:

Tabela 3 - Tipo de sentido veiculado pela construção VN

	+COMPOSICIONAL	-COMPOSICIONAL
	178	248
Total (%)	41,7%	58,3%

A ocorrência (10) ilustra uma construção VN, aqui classificada como não-lexicalizada, esquemática, de natureza mais composicional, uma vez que o sentido é ainda previsível a partir de suas subpartes, e esquemática pelo fato de o esquema V+SN instanciar construções com diferentes configurações, tais como “deixar vestígios”, “deixar marcas”, “deixar rastros” e “apresentar sequelas”, “ter sequelas”, “gerar sequelas”, etc:

(10) Aditadura **deixousequelas** em uma geração inteira. Concordo em absolutamente CADA palavra!!! (20:Br:N:confissoes-femininas.blog)

Em (11), por sua vez, temos um caso de construção VN que apresenta um grau menor de composicionalidade e é menos esquemática:

(11) A palavra não **deixa sombra de dúvida** que não só o dízimo, mas toda a lei de Moisés foi por Cristo abolida. (20:Br:N:noticias.gospel)

Por fim, em (12), listamos um exemplo de construção VN que apresenta um baixo grau de composicionalidade e esquematicidade:

(12) Hoje resolvi **deixar a preguiça de lado** e vir aqui te agradecer por toda a atenção e o carinho que você tem por nós leitoras. (20:Br:N:eaibezeza)

A construção em negrito em (12) é basicamente substantiva (fechada esquematicamente). Em outras palavras, tal construção é de natureza mais lexical ou idiomática, com sentido específico. Nesse caso, o que se verifica, segundo Vieira (2014), é um congelamento semântico, decorrido da perda da transparência semântica de suas subpartes.

Possibilidade de substituição da construção VN por um verbo simples

O nosso objetivo com este parâmetro é verificar a possibilidade de uma construção VN ser substituída por um verbo simples. A não possibilidade de substituir a construção VN por um verbo simples se dá pelo fato de esta cumprir um papel específico no contexto de comunicação que não pode ser expresso apenas por um único verbo. Esse aspecto está relacionado ao grau de esquematicidade da construção, uma vez que quanto mais fechada for construção, menor a possibilidade de ela ser modificada ou de algum elemento ser substituído por algum outro.

Observemos os números da tabela 4 a seguir:

Tabela 4- Possibilidade de substituição da construção VN por um verbo simples

	SIM	NÃO
	283	143
Total (%)	66.4%	33.6%

As construções VNs, que possibilitam a sua substituição por um verbo simples, representam 66,4% dos dados. Em geral, são aquelas construções em que o sentido do SN é transferido para a construção como um todo, que passa, assim, a funcionar como um predicado complexo (VIEIRA, 2014), operando na seleção de termos argumentais. Já aquelas construções VNs que não permitem esse tipo substituição são aquelas que apresentam uma natureza substantiva, idiomática e opacidade semântica. Entre as construções VNs que integram os 66,4% dos dados, estão tanto as construções não-lexicalizadas quanto as construções semi-lexicalizadas, já que o fato de uma construção VN possuir um equivalente verbal simples na língua não invalida o seu estatuto de construção. Entre as construções que integram o segundo grupo, o de 33,6% que não permitem a substituição da construção por um verbo simples, estão tanto aquelas construções VNs tidas como idiomáticas (fechadas) quanto aquelas semi-lexicalizadas, que são parcialmente esquemáticas na língua.

Assim, as construções VNs que ainda funcionam como predicados complexos no Português brasileiro são aqui interpretadas como produtos do processo de construcionalização gramatical, uma vez que são mais produtivas na língua e envolvem sempre alguma função gramatical, que, nesse caso, é a de estabelecer relação entre termos argumentais. Nos termos de Vieira (2014), elas são construções não-lexicalizadas, esquemáticas, pois apresentam *slots* para serem preenchidos. Em nossa análise, incluímos também nesse grupo as construções semi-lexicalizadas.

Em Português brasileiro, construções VNs do tipo “*deixar claro*”, “*deixar marcas*”, “*deixar uma impressão*”, dentre outras, podem ser substituídas por predicados simples com sentido semelhante, como “*esclarecer*”, “*marcar*” e “*impressionar*”, respectivamente. Porém, segundo Vieira (2014, p.116-17), ainda que essas permutas sejam possíveis, os falantes sempre reconhecem, em testes de percepção e avaliação de sentidos, distinções entre os predicados simples e os predicados complexos, por entenderem que as construções VNs sempre congregam sentidos ou valores não contemplados nos predicados simples.

Esse procedimento de substituição não afeta as construções aqui classificadas como idiomáticas, pelo fato de elas serem fechadas em termos de esquematicidade e serem reconhecidas como unidades lexicais. A ideia de predicação se dá pela construção como um todo.

Possibilidade de substituição do componente verbal ou do componente nominal por algum outro elemento

Nosso último parâmetro de análise é a possibilidade de substituir ou não o componente verbal ou o componente nominal das construções VN por algum outro elemento. Quando é possível fazer essa substituição, tais construções são definidas como abertas ou semiabertas (com algum grau de esquematicidade), isto é, são construções não-lexicalizadas ou semilexicalizadas que permitem preenchimento de *slots*. Por outro lado, quando não é possível realizar a substituição, a construção é classificada como fechada ou lexicalizada (idiomática). Vejamos os dados abaixo:

Tabela 5 - Possibilidade de substituição do componente verbal ou do componente lexical por algum outro elemento

	POSSÍVEL	IMPOSSÍVEL
	377	49
Total (%)	88.5%	11.5%

Conforme se pode verificar na tabela 5, em 88,5% dos dados, as construções permitem a substituição de um elemento do complexo por outro, o que aponta para a ocorrência de construções não-lexicalizadas ou semilexicalizadas, com *slots* que podem ser preenchidos a depender das necessidades comunicativas do falante. Apenas em 11,5% dos dados, as construções VNs são de natureza fechada, substantiva ou idiomática.

Vejamos os exemplos abaixo:

- (13) Anthony Hopkins **deixou uma imagem** tão forte no personagem que dificilmente vemos as pessoas comentando do Mads ou do Ulliel; mas questão fica a ser decidida. (20:Br:N:pessegadoro.com)
- (14) Quando as pessoas o ouviam, elas diziam: ? Nunca alguém falou como este homem?. Ele **deixou uma impressão** em suas vidas e elas carregaram algo adiante. (20:Br:austin-sparks.net)

As ocorrências (13) e (14) são classificadas como construções VNs semi-lexicalizadas por duas razões: (i) apesar de permitirem algum tipo de substituição de elementos da construção, tal possibilidade é mais restrita quando comparada a casos de construções VNs não-lexicalizadas, em que os *slots* da construção [V+SN] podem ser preenchidos por vários

tipos de elementos (verbais e nominais), tais como “deixou saudades”, “deixou vestígios”, “deixou marcas” ou “deu saudades”, “ficou saudades”, “bateu saudades”, “teve saudades”, dentre outras, (ii) são construções mais ou menos esquemáticas, menos produtivas e mais estáveis.

Tais construções VNs são diferentes das idiomáticas, pois estas últimas não permitem a substituição de nenhum elemento da construção; são construções fechadas ou substantivas. Vejamos a ocorrência (15):

- (15) Nós vamos ter que sentar e **deixar a poeira baixar**. Que outra luta faz sentido senão a revanche? Agora essa é a última coisa em nossas mentes. (20:Br:flavioanselmo.com.br)

Em (15), a construção “deixar a poeira baixar” é idiomática, substantiva (não-esquemática) e não-composicional, já que ela possui um sentido específico, diretamente estocado no arcabouço lexical da língua. Trata-se de uma expressão cristalizada ou convencional no português brasileiro, que é usada com sentido de “esperar as coisas se acalmarem ou se normalizarem”. Trata-se de um uso que, conforme Traugott e Dasher (2005), revela um caráter mais intersubjetivo da linguagem.

Considerações finais

Após explicitarmos os parâmetros de análise e algumas ocorrências encontradas no *corpus*, bem como a apresentação de explicações para os casos de construções VN com o verbo “deixar” no Português do Brasil, propomos, abaixo, um quadro de classificação das construções VNs no português, que confirma a tese de que as diferenças de comportamento observadas nessas construções são decorrentes do fato de que elas exibem diferentes graus de esquematicidade, que vão desde construções não-lexicalizadas até construções lexicalizadas (ou idiomáticas). É o que se verifica no quadro 2 a seguir, o qual apresenta o *continuum* das construções VNs com o “deixar” neste estudo sincrônico:

Quadro 2- Continuum das construções VNs com o “deixar” no Português brasileiro.

Construções não-lexicalizadas	Construções semilexicalizadas	Construções lexicalizadas ou idiomáticas
+ esquemática + produtiva +composicional	+/- esquemática +/- produtiva +/- composicional	+ substantiva - produtiva - composicional
Função processual (gramatical)	Função processual (gramatical)	Função referencial (lexical)
Deixar vestígios, deixar marcas, deixar rastros, deixar saudades, deixar dúvidas, etc.	Deixar claro, deixar uma impressão, deixar uma imagem, deixar margem, etc.	Deixar a peteca cair, deixar a poeira baixar, deixar sombra de dúvidas, etc.

Como se pode verificar, as construções VNs com o verbo “deixar” apresentam, seguindo a proposta de Vieira (2014), diferentes graus de esquematicidade, o que possibilita classificá-las em tipos de construções VNs, quais sejam: construções não-lexicalizadas, construções semilexicalizadas e construções lexicalizadas ou idiomáticas.

Quando tratamos de unidades simbólicas convencionais (GOLDBERG, 2006), isto é, de construções, devemos nos ater à gradiência entre gramática e léxico, uma vez que ambos estão em um *continuum*, propiciando a identificação dos graus de esquematicidade dessas construções, além dos outros aspectos morfossintáticos e semânticos considerados importantes para o reconhecimento das construções VNs.

Nesse contexto, pode-se dizer que as construções VN plenas de processamento (+ gramaticais) são decorrentes de um processo de construcionalização gramatical, uma vez que essas construções são esquemáticas ((semi)abertas), produtivas em termos de frequência de uso e mais composicionais, ao passo que as construções lexicalizadas, classificadas como construções lexicais, são oriundas de um processo de construcionalização lexical, uma vez que são de natureza substantiva ou fechada e são, por isso, menos frequentes e também menos composicionais (opacas). Tal constatação é importante porque mostra que, apesar de terem um padrão semelhante de organização, tais construções VNs apresentam estatutos categoriais distintos.

Cabe destacar que, para uma construção se construcionalizar, seja gramatical ou lexicalmente, isto é, emergir como um novo pareamento de forma e sentido, as mudanças construcionais, que podem afetar a forma ou sentido isoladamente, constituem um passo essencial neste processo. Tratamos essas mudanças como processos que impulsionam a transformação dessas construções em novos nós da rede linguística, processos estes chamados aqui de gramaticalização e lexicalização.

Referências

- BYBEE, J. **Language, use and cognition**. Cambridge: CUP, 2010.
- BYBEE, J. Mechanisms of change in grammaticalization: the role of frequency. In: JANDA, R.; JOSEPH, B. (eds.) **The handbook of historical linguistics**. Oxford: Blackwell, 2003, p. 602-623.
- CHISHMAN, R. L. O., ABREU, D. T. B. Construções com verbos-suporte: propriedades Gramaticais e discursivas. **Linha D'Água** (Online), São Paulo, v. 27, n. 1, p. 153-168, 2014.
- CROFT, W. Construction Grammar. In: Geeraerts, D. & Cuyckens, H. (eds.). **Handbook of Cognitive Linguistics**. Oxford: Oxford University Press, 463-508, 2007.
- CROFT, W. **Radical Construction grammar**: syntactic theory in typological perspective. Oxford: Oxford University Press, 2001.
- DAVIES, M.; FERREIRA, M. **Corpus do Português**: 45 milhões de palavras, 1300s-1900s, 2006. Disponível online em <http://www.corpusdoportugues.org>.
- GOLDBERG, A. **Constructions at work**: the nature of generalization in language. Oxford: Oxford University Press, 2006.
- GOLDBERG, A. **Constructions**: a construction grammar approach to argument structure. Chicago: Chicago University Press, 1995.
- GOLDBERG, A., JACKENDOFF, R. The English resultative as a family of constructions. **Language** 80, p. 532-568, 2004.
- HIMMELMANN, N. Lexicalization and grammaticization: Opposite or orthogonal? In.: BISANG, W., HIMMELMANN, N. and WIEMER, B. (Eds.). **What makes Grammaticalization?** Berlin: De Gruyter Mouton, 2004, 21-42.
- TAYLOR, H. R. **Cognitive grammar**. New York: Oxford University Press, 2002
- TRAUGOTT, E. C. & TROUSDALE, G. **Constructionalization and Constructional changes**. Oxford, 2013.
- TRAUGOTT, E. C. Constructions in Grammaticalization. In: JOSEPH, B. D.; JANDA, D. (eds.) **A handbook of Historical Linguistics**. Oxford: Blackwell, 2003, p. 624-647.
- TRAUGOTT, E. C. Grammaticalization, constructions and the incremental development of language. In: ECKARDT, R.; JÄGER G.; VEENSTRA, T. (Eds.). **Variation, Selection, Development**. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2008. p. 219-250.
- TRAUGOTT, E. C.; DASHER, Richard B. **Regularity in semantic change**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.
- VIEIRA, M. S. M. Idiomaticidade em construções com verbo suporte do Português. **Soletas**, Rio de Janeiro, n. 28, p. 99- 125. jul-dez, 2014.

Recebido em: 21 de set. de 2016.

Aceito em: 13 de jul. de 2017.